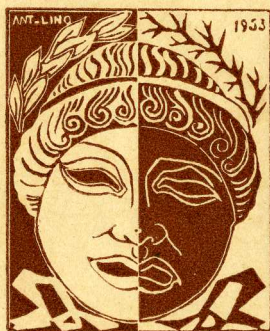


COLECÇÃO DE TEATRO

D. JOÃO DA CÂMARA

MEIA NOITE

TRÊS ACTOS



GUIMARÃES EDITORES
LISBOA

1.^a edição - 1899

2.^a » - 1914

3.^a » - 1953

Propriedade literária de Guimarães & C.^a

D. JOÃO DA CÂMARA

ULFLON 00690



MEIA NOITE

TRÊS ACTOS

3.^a EDIÇÃO

GUIMARÃES EDITORES

1953

D. JOÃO DA CÂMARA

Nasceu em Lisboa em Dezembro de 1852

† em Lisboa em Dezembro de 1911

ESTA PEÇA FOI REPRESENTADA PELA
PRIMEIRA VEZ NO TEATRO D. AMÉLIA,
EM 5 DE JANEIRO DE 1900, PELOS ACTORES:

ROSA DAMASCENO, no papel de Romana

JOÃO ROSA, » » » O Cónego

EDUARDO BRAZÃO, » » » Crisóstomo, organista

AUGUSTO ROSA, » » » Sursum-Corda, sineiro

AMÉLIA PEREIRA, » » » Lucrécia

HENRIQUE ALVES, » » » Cesário

NA SÉ DE LISBOA
MEADO DO SÉCULO XIX

ACTO I

Quartos do Cônego nos telhados da Sé de Lisboa, em meio de cantarias da parte arruinada, das quais se vêem pedaços entre os frontais, muito caiados. Ao F. uma janela quadrada, de vidros pequenos, foi aberta num frontal que tapou um arco gótico. À E. A. porta de entrada. Do outro lado, em frente, o quarto de Romana. À E. B. o quarto do Cônego. Mobília pouca, antiga e fradesca. Entre as duas portas da E. o oratório. Do outro lado uma pequena estante com livros. Mesa e cadeiras no primeiro plano à D. À janela uns craveiros em caixotes.

CENA I

CÓNEGO E SURSUM-CORDA

(É noite. O Cônego sentado à mesa faz uma paciência à luz dum candeeiro de três bicos. Sursum-Corda abre devagarinho a porta da E. A. e espreita).

SURSUM-CORDA

(À porta) «Dominus vobiscum». Dão licença ao Sursum-Corda?

CÓNEGO

(Atirando com a carta que tem na mão) Rei de espadas!... Tu a abrires a porta e o maldito a surdir-me por cima da sena! Era inverter duas cartas... *(Examinando o resto do baralho)* Quina de ouros... Dama de copas... Também ontem, quando entraste... Que há de novo? *(Baralha as cartas)*.

SURSUM-CORDA

Tudo vai do baralhar. De novo não há nada. Antes do homem nascer já lhe Deus baralhou as cartas que vai tirando. Rei de espadas!... Pouca sorte.

CÓNEGO

Donde vens?

SURDUM-CORDA

Lá de baixo.

CÓNEGO

Saíste à rua?

SURDUM-CORDA

Saí. *(Olhando, medroso, para o Cónego)* Mas foi um copo assim, tão pequenino, que, se lhe metesse o meiminho dentro, entornava tudo.

CÓNEGO

Nem se lembra esta alma verminosa de que há-de a Lucrecia casar-se dentro em dias! Que lindas lições vai

dando ao genro e anuncia aos netos! A tua filha... um anjo! Mas que te importa, se endureceste na sem-vergonha?

SURSUM-CORDA

Por minha filha venho eu falar-lhe, sr. Cónego, e às vezes, dá-me vontade de trepar até ao alto das torres, e, escarranchado lá em cima, pôr-me a gritar a Nosso Senhor, para que me oiça de mais perto.

CÓNEGO

Anda radiosa de amor, coitadinha! Há luz e há calor em seu olhar limpo de vislumbres pecaminosos. Quando me beija a mão — já reparei — fico cheirando a açaúenas. Assim via a minha Romana quando tinha essa idade, justamente a da Lucrecia agora. Sabes? O que foi noivo dela?... Morreu.

SURSUM-CORDA

«Requiescat in pace». E a senhora Romana?

CÓNEGO

Está no quarto, deserto a rezar-lhe por alma. Não lhe fez abalo a notícia.

SURSUM-CORDA

Se há tantos anos... E vai daí, queria compor um repique novo para oferecer aos noivos nos meus sinos.

CÓNEGO

Amor! Amor! Não é planta que enraíze nos corações.

SURSUM-CORDA

Sr. Cónego!

CÓNEGO

Tanto à larga o teu puseste que te chamaram Sursum-Corda!

SURSUM-CORDA

(*Muito triste*) A aguardente!

CÓNEGO

Quem há de crer no teu desgosto a ouvir-te cantar dia e noite?

SURSUM-CORDA

E tanto cresceu, desde que é noiva a minha filha e só falamos de amor lá no casebre!... Eu é que nunca mais quis saber de mulheres, desde quando aquela perdida me deixou com a pequenina ainda no berço. Foi então que me pus a beber. Ia esquecendo. Mas agora que a Lucrecia vai ser dum homem... parece que tudo se acendeu mais uma vez neste inferno! Queria um repique novo para aquele dia... e não acho! (*Canta imitando os sinos*) Tirelintintão!... Tirelintintão!... Tirelim!... Tirelim!... (*Muito triste*) E depois começo a matutar, a matutar... mas não atino! (*Procurando*) Tirelim!... Tirelim!...

CÓNEGO

Homem, parece-me que não ficaria mal aí para remate: — Tirelintintão!

SURSUM CORDA

Bem sei ; mas isso é do outro lá de baixo, de S. Nicolau. Desde que tudo acordou mais uma vez cá dentro, embrulho as ideias, agarro-me à corda dos sinos e, sem querer, ponho-me a dobrar ! E eu não queria dobrar senão depois de amanhã... Era tão linda a mulher...

CÓNEGO

E foi ela o rei de espadas com que o Senhor te castigou.

SURSUM-CORDA

E nunca mais fui gente ! O sr. Cónego, que é doutor, diga lá : pode uma criaturinha do céu ser filha de dois pecadores ?

CÓNEGO

Olha para a Lucrecia e deixa as teologias.

SURSUM-CORDA

E, por mais que parafuse, não acho !... Minha filha !... Se dela só me lembrasse... Olhe o rapaz, que Nossa Senhora fez tão formosinha ! O Cesário há de vir a ser um santeiro de nome. E é Nossa Senhora e é o retrato de minha filha ! E a Lucrecia é a cara da mãe e a Senhora não tem nada dessa desgraçada !... É esquisito !... Sabe porque eu cá vinha, sr. Cónego ?

CÓNEGO

Dirás. Mas tu bebeste mais dum copo.

SURSUM-CORDA

Paguei um, pagaram-me outro e fiquei a dever mais dois. Talvez que, se eu tivesse casado, a mulher ainda estivesse comigo. Quero que a minha filha vá purinha... purinha... Isso vai! E o sr. Cónego há-de hoje confessar-me o rapaz, para que vá puro também. E as duas alminhas muito brancas vão ser felizes... felizes... e eu contente... contente... Sursum-Corda!... hei-de repicar... repicar... Tirelim!... Tirelim!... (*Aperta a cabeça nas mãos, muito triste*) Não acho!... Não acho!... (*Dá com Romana, que vem entrando*) «Dominus vobiscum!»

CENA II

OS MESMOS E ROMANA

ROMANA

(*Sorrindo*) Que temos? Porque apertas nas mãos a cabeça, esbaforido?

CÓNEGO

Desafinam-lhe nos miolos os sinos da torre.

ROMANA

Continua o tormento em que ontem me falaste?

SURSUM-CORDA

Senhora, na mesma!

ROMANA

Nuvens que se baralham! Anseia a gente um feixe de sol, lobriga alegre um cantinho azul, e logo, como de propósito, mais farrapos afogam toda a luz, empastam-se em camadas. Mas descansa; Abril há-de chegar-lhe a vez. Só para os cegos é eterna a meia noite.

SURSUM-CORDA

Sei lá!... Aquela ceguinha, que vem sentar-se ali defronte num portal, passa quantas horas, de mão estendida, de cabeça baixa, olhando, se aquilo se chama olhar, para a terra, que tão mal lhe quis. Mas, quando eu toco, levanta a cabeça, põe a mão no ouvido, sem querer já saber de esmolos, e atira para o céu os olhos brancos. O que vê ela?... Sei lá! Mas vê, mas vê, que logo se põe a rir, a rir, a mostrar todos os buracos pretos da boca sem dentes! O que vê ela?... Vão lá saber! Mas quem vê só as coisas da terra não ri nunca assim contente... Mas vê... mas vê!

ROMANA

Uma luz do céu... Tua vez há-de chegar-te.

SURSUM-CORDA

Amém.

CÓNEGO

E agora vai buscar os noivozinhos. Mesmo ali, no meu quarto, confessarei o teu Cesário. Deus te pagará